

ECOLOGIA *Em foco, 'imperialismo verde'*

Antropólogos criticam ação de ambientalistas

ALEXANDER STILLE
DO "THE NEW YORK TIMES"

O que poderia estar errado em salvar uma floresta equatorial? Uma porção de coisas, segundo antropólogos que se tornaram cada vez mais críticos do que chamam de "imperialismo verde".

Pintando os ambientalistas como missionários de uma nova verdade universal, muitos vêem a proteção ambiental dos países em desenvolvimento como uma forma de neocolonialismo, a última tentativa dos ricos ocidentais de entrar em países pobres e dizer a seus residentes o que eles devem ou não fazer com sua terra.

"Os ambientalistas estão tentando salvar paisagens das pessoas que vivem nelas", disse Simone Dreyfus, antropóloga francesa que participou da elaboração do livro "Nature Sauvage, Nature Sauvée" (Natureza Selvagem, Natureza Salva), publicado recentemente. "Muitos deles parecem se preocupar mais com os animais e as plantas do que com as pessoas. Muitas vezes, os esforços para salvar o ambiente são impostos de fora, não de dentro."

Apesar de o termo "biodiversidade" ter sido criado durante os anos 70, ele pegou tão depressa que nos anos 80 a preservação de espécies já era uma parte importante da política externa norte-americana. O Departamento de Estado, o Banco Mundial e outros fornecedores de ajuda a países pobres fizeram da criação de parques nacionais uma condição para a transferência de recursos.

A política surtiu efeito: os ambientalistas já conseguiram proteger uma área do tamanho da China, dos EUA e do Canadá. Mas esses esforços tiveram um custo humano considerável, dizem os antropólogos contrários à política.

Aproximadamente 70% das áreas protegidas são habitadas também pelo homem. Entre 1986 e 1996, cerca de 3 milhões de pessoas foram forçadas a fazer as malas e partir, como resultado de projetos de desenvolvimento e de conservação, segundo estatísticas do Banco Mundial.

"Gostaria de ver o que aconteceria se uma delegação de Madagascar chegasse a Nova Jersey e falas-

se às pessoas que elas não poderiam usar seus carros para ir trabalhar", disse Maurice Bloch, que leciona na Escola Politécnica de Paris e trabalhou em Madagascar por mais de 30 anos.

Apesar de muitos desses antropólogos admitirem que a proteção ao ambiente é do interesse de todos, eles acham que o ambientalismo do Ocidente precisa examinar alguns de seus pressupostos mais arraigados.

A idéia de "natureza virgem" não é verdade universal, mas uma idéia da civilização urbana ocidental, afirmou Philippe Descola, antropólogo francês que trabalhou com índios no Brasil. Muitos povos indígenas não têm uma palavra específica para "natureza" e não se vêem como parte separada do ambiente em que vivem, diz.

Muitos ecologistas acham que essas críticas são ultrapassadas. "Acho que o movimento de preservação tornou-se muito mais sofisticado nos últimos 20 anos", disse Don Melnick, professor da Universidade Columbia e diretor do Centro de Preservação e Pesquisa Ambiental.

Cada vez mais, afirma Melnick, os ambientalistas passam a perceber que a cooperação local é essencial para o sucesso do trabalho. No Parque Nacional Chitwan, no Nepal, o governo recentemente desistiu da política de proibir que os residentes locais entrem na floresta. "Eles designaram um certo número de semanas em que as pessoas podem entrar e coletar plantas e frutos", disse Melnick.

A questão de quem tem a palavra final sobre uma área — as pessoas que vivem nela, os governos regionais e nacionais ou grupos internacionais que vêem o ambiente como patrimônio do mundo — é extremamente complexa.

Grupos de preservação calcularam que 60% da biodiversidade mundial está contida em menos de 5% da superfície que não está coberta por oceanos. Ao mesmo tempo, os povos indígenas, que em geral habitam os maiores focos de biodiversidade tropical, possuem 60% das línguas faladas no mundo, de acordo com a etnolinguista Suzanne Romaine, da Universidade de Oxford.